Luíza Silva de Moura – RA: 260065

“Don’t trust the promise of Artificial Intelligence”

O debate entre Jaron Lanier, Andrew Keen, Martine Rothblatt e James Huges acerca de acreditar ou não na promessa da inteligência artificial levantou argumentos importantes, históricos e sobre a humanidades. Os dois primeiros compunham a dupla para não acreditar nessa jura porque remonta um mundo de fantasias, não propõe datas para a sua entrega e no momento, é apenas uma categoria de fundos de doação para as pesquisas, sendo essas, voltadas para a substituição da inteligência e essência humana, que alimentam um monopólio de empresas que não estão preocupadas com as responsabilidades sociais dos seres humanos, não valorizam seus potenciais e não visam os impactos que podem ser gerados para a economia.

Utilizando-se dos exemplos dados por Lanier e Keen, a promessa de que as máquinas serão capazes de nos substituir são perigosas porque fazem com que a sociedade queira melhorar para melhorar os algoritmos e não para sua civilização, abrindo mão de incumbências sociais e de acreditar em seus próprios potenciais. Além de excluir a ideia de sobrevivência, ou seja, abrindo mão do trabalho para que as máquinas o realizem, o que a espécie humana fará para permanecer?

Já Rothblatt e Huges argumentam que através da inteligência artificial será possível buscar os valores reivindicados nas revoluções burguesas como democracia, equidade e solidariedade, pois com ela será possível replicar a função da mente humana, aplicar em diferentes nichos, por exemplo o da medicina para a recuperação das faculdades humanas para quem precisa, e desenvolver uma empatia, um relacionamento construtivo através da inteligência artificial moldada pelo ambiente humano. Huges ainda debate o argumento histórico colocado por Keen – sobre uma Revolução Industrial que não nos livrou do trabalho – que tudo o que as pesquisas fazem é estender a promessa Iluminista de conhecermos a nós mesmos e ao mundo para transformá-lo em um lugar melhor.

Em resumo, a minha opinião sobre o tema está próxima ao que Jaron Lanier e Andrew Keen colocaram. Penso que abrir mão de nossa civilização e nossas sociedades para que as máquinas controlem tudo será danoso em diversas camadas, começando por nosso desenvolvimento emocional até o tecnológico. Embora Huges tenha argumentado que a era da inteligência artificial será melhor por não haver mais escravização, penso que hoje já estamos inseridos em um tipo de escravização das redes, uma vez que grande parte da comunicação global está ligada à internet e seus atributos.